

ENSAIO SOBRE A VIDA DE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

O NASCIMENTO E A FAMILIA DO PRECURSOR DA AERONAUTICA

Immenso já se tem escripto sobre a nobre e infelicissima figura do brasileiro genial a quem cabe a primazia da invenção dos aerostatos.

Gloria que lhe tem sido numerosas vezes denegada, ante o consenso universal, pelo facto de que pertencente a um nucleo de pequenos recursos culturais, como o portuguez setecentista, não se fez fóra dos limites do mundo lusitano a divulgação de suas extraordinarias experiencias, anteriores de muitas dezenas de annos ás dos Irmãos Montgolfier.

Tres assas extensas biographias de Bartholomeu Lourenço de Gusmão existem e da lavra de brasileiros: as do Visconde de São Leopoldo, do Almirante Henrique Boiteux e de Vieira Fazenda. Accumulam magnifica documentação e argumentação em prol dos direitos iniludiveis do nosso grande compatriota. Para os seus quatro artigos, allás excellentes, das *Antiquilhas* vacu-se Vieira Fazenda notavelmente da *Memoria* do Conego Freire de Carvalho.

Além destas fontes principaes aponta Arthur Motta em sua magistral *Historia da Literatura Brasileira* notavel quantidade de achegas para o melhor conhecimento da grande figura do glorioso santista.

Não me é possivel compendiar todos estes elementos, assim, valendo-me, sobretudo, dos principaes, procurarei desempenhar uma incumbencia trabalhosa como esta de escrever uma biographia do grande homem.

Devo lembrar contudo que á bibliographia vultosa de Motta sobre maneira avolumam os artigos dos repetidores de coisas impessas que atravancam tão notavelmente as nossas letras historicas.

Nasceu Bartholomeu Lourenço de Gusmão na villa do Santos, como então se dizia, em dia ignorado do anno de 1685, ou de 1686, se fosse exacto o que de sua idade refere o attestado de obito que em Toledo lhe passaram.

Em 1858, dizia Innocencio, em geral tão criterioso, "nasceu conforme a opinião se-guia em 1686, posto que outros, com menor fundamento, assignem o seu nascimento pelos annos de 1677".

Parece extranho que o illustre bibliographo portuguez haja redigido estes topicos, quando allega ter tido em mãos o opusculo do Visconde de São Leopoldo, que lapso-phimavelmente provou haver o Padre Voador nascido em 1685. Da versão erronea relativa ao millesimo de 1677 participaram varios autores menos versados em assumptos portuguezes, como o articulista do *Grande Diccio-nario Universal do Seculo XIX*.

Foi que a erro induziu Pinheiro Chagas, cujo *Diccionario popular* tanto é allás a traducção quasi literal da gigantesca encyclopedica lousenseana.

Graças aos elementos hauridos no Ar-chivo da Curia Metropolitana de S. Paulo posso estabelecer uma rectificação definitiva já não só quanto ao millesimo do nascimento de Bartholomeu como quanto ao mez em que veio ao mundo.

Reza o termo de transcripção do registro de seu baptismo:

"Certifico eu, Padre Jacintho Lopes de Araujo, coadjutor da Igreja Parochial desta villa (de Santos), que, revendo o livro em que se costuma fazer assento dos baptizados, em virtude do despacho acima do Rdo. Vigarão da vara acher o seguinte: Bartholomeu, innocente, filho de Francisco Lourenço e de sua mulher Maria Alvares, baptizei e lhe puz os Santos Oleos. Padrinhos Luiz Peres de Oporto e Ambrosia de Agular aos dezannos de dezembro de seiscentos e oitenta e cinco annos. O Padre Antonio Corrêa Peres; o qual o tirei bem e fielmente... (palavras destruidas pela traça) que duvida faça ao qual me reporto e vae jurado aos Santos Evangelhos.

Santos, 6 de Outubro de 1707.
O Padre Hyacintho Lopes de Araujo."

Baptizado na segunda-feira, dezenove de Dezembro de 1685, deve Bartholomeu ter nascido quiçá neste mesmo dia, ou na vespêra, ou quando muito na semana anterior. Havia naquelles tempos de profundissima fé o maior acodamento em baptizar os recém-nascidos. E os paes do futuro inventor da *Passarola*, piedosos, piedosissimos como eram, progenitores de tantos ecclesiasticos, não deixariam de se apressar em levar o pequenino pagão ás aguas lustraes do baptisterio.

De quem provinha Bartholomeu?

Seu illustre concidadao, José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de S. Leopoldo a estudar-lhe a vida e a do grande Irmão postgenito, Alexandre de Gusmão, refere como "os demais biographos que os paes do futuro Padre Voador foram Francisco Lourenço, "cirurgião mór do Presidio, daquella antiquissima Villa, declarada Praca d'Armas, e sua mulher D. Maria Alvares".

"Huma particularidade nos transmitiu seu panegyrista: de que lhe viera o nome do venerando jesuita Alexandre de Gusmão, o qual na pia baptismal fóra instrumento da sua regeneração, desempenhando com a doutrina a obrigação, que era de esperar de hum Varão, cujas virtudes ainda rescendem entre nós, deixando monumento do seu zelo pela educação da puericia no seminario que fundou na Villa da Cachoeira quatorze leguas distante da Cidade da Bahia; cujo appellido, em signal de reverencia, adoptarão alguns membros desta familia. Aquelle foi pai de filhos prestantes, dos quaes não descuidou a educação civil e intellectual por todos os meios honestos que lhe suggeriu o amor paterno, sem desanimar á vista da tristeza dos recursos".

"Para designar com certeza o dia e anno, em que nascerão Alexandre de Gusmão e seu irmão Bartholomeu Lourenço de Gusmão, empreguei diligencias na minha viagem a

Santos no Verão de 1838. Pude descobrir os Autos de Inventario, a que se procedo pelo Juizo dos Offãos da Villa em 4 de Janeiro de 1721, por fallecimento do pai de ambos, Francisco Lourenço, em 9 de Dezembro de 1720. Nelles declarou a Viuva Inventariante D. Maria Alvares, que do fallecido seu marido lhe ficavão doze filhos a saber:

Domingas Gonçalves, casada com Antonio de Seixas, nascida em 1680.

Padre Simão Alves, Professo do 4º voto na Companhia de Jesus, nascido em 1682.

Maria Gomes, casada com Francisco Vicente, nascida em 1683.

Padre Bartholomeu Lourenço, Clerigo secular, nascido em 1685.

Joanna Gomes, casada com Antonio Ferreira Gambôa, nascida em 1688.

Fr. Patricio de S. Maria, Religioso Franciscano, nascido em 1690.

Paula Maria, Religiosa no Convento de S. Clara da Villa de Santarem, nascida em 1692.

Arcangela da Conceição, idem, em Portugal, nascida em 1693.

Alexandre de Gusmão, nascido em 1695, Brigida Monteiro, nascida em 1688.

Ignacio Rodrigues, Regular na Companhia de Jesus, nascido em 1700.

João de S. Maria, Religioso Carmelita, nascido em 1703".

Assim dos doze irmãos sete eram religiosos.

Escassos foram os recursos deixados pelo Cirurgião mór á sua numerosa familia: contacta-nos Fernandes Pinheiro.

"Manifesta-se o mesmo inventario ser tenue; mesquinha a herança, declarando Francisco Lourenço, em seu testamento, que o dote para entrarem freiras em Portugal, suas duas filhas Paula e Arcangela, fóra preenchido com esmolos.

Sua ultima filha Brigida Monteiro, que mostrou vocação de abraçar vida religiosa, no mesmo Convento de Santarem, no qual fizeram profissão suas irmãs, ainda mesmo com as doações que de suas legitimas lhe fizeram seu irmão Padre Ignacio Rodrigues da Companhia de Jesus, com licença do Padre João Bernardino, Vice-Preposito Provincial de Provincia do Brasil e outro seu irmão Fr. João de S. Maria, Religioso Carmelita com faculdades competentes; ao que accrescia a terça que lhe legou seu pae assim mesmo montou apenas a legitima a setecentos mil réis.

"De taes accidentes, imputaveis antes á fortuna caprichosa e sua testemunhas allás honrosos da desinteressada charidade, com que aquelle venerando ancão exerceo todavia sua profissão, aproveitavão-se seus emulos para motejos, até da innocente lembrança de haver baptisado dois filhos com os nomes de Viriato, e de Trajano, attribuindo a escolha á vaidade".

Contestou Alexandre de Gusmão a maliciosa increpação num mau soneto muito jactancioso em que allega o brilho de sua carreira quando no entanto de obscuros paes procedia.

Era natural que os filhos de Francisco Lourenço tomassem o nome paterno, muito embora, no tempo, fosse communissimo que numa irmandade surgissem os appellidos os mais dispares.

Na familia do cirurgião mór tres pessoas adoptaram o nome de Gusmão em honra ao illustre provincial jesuitico, grande amigo e protector da irmandade, o Ignacio eminente cuja longevidade notavel o levaria aos 95 annos. Morreu exactamente no anno em que tambem se finou Bartholomeu Lourenço, 1724.

Delle diz S. Leopoldo:

"Os serviços que este respeitavel varão fez ao Brasil, em especial a protecção dada desde o berço ao desvalido Santista, nos impõe o grato dever de reproduzir aqui a copia do retrato, que delle nos deixou hum biographo portuguez".

"Nasceu o Padre Alexandre de Gusmão em a cidade de Lisboa, a 14 de Agosto de 1629; na tenra idade de ôz annos passou com seus paes ao Brasil, onde instruído nas primeiras letras, abraçou o Instituto da Companhia de Jesus na idade de dezasete annos, em o collegio da Bahia a 23 de Outubro de 1646. Applicando-se á philosophia escolastica — ao depois a ensinou com grandes creditos ao collegio do Rio de Janeiro; foi Reitor dos Collegios de Santos, Capitania do Espirito Santo, e da Bahia, e duas vezes Provincial da sua Ordem no Brasil. Falleceu no Seminario de Belém, que elle fundara para educação da puericia, na Villa hoje Cidade da Cachoeira, com 95 annos de idade e 78 de religião. Abriu-se hum retrato delle na Alemanha. Fazem menção deste Varão-Barbosa-Bibliot. Lusit. In-fol. Liv. 1, letra A—Rocha Pitta—Hist. da Am. Port. Liv. 7, pag. 444."

Os fastos municipaes paulistanos trazem numerosas referencias á actuação do Padre Alexandre de Gusmão, como protector dos indios de cujos serviços abusavam os paulistas. (cf. *Historia Seiscentista da Villa de São Paulo*, obra de nossa lavra, tomo III, pagina 42.)

Frequentou o illustre provincial largamente o scenario paulista. E, com certeza, de sua permanencia em Santos proveio-lhe a amizade a Francisco Lourenço e aos seus filhos em quem reconheceu logo notaveis aptidões intellectuaes. Dahi a protecção a elles dispensada. E protecção a mais justificada e frutuosa. Nem esquegamos allás que tres cunhados de Francisco Lourenço, irmãos da sua mulher, pertenciam á Companhia de Jesus: os Padres Paschoal Gomes, Sebastião Alvares e Claudio Gomes.

Eram os paes do Voador pessoas de pequenos bens. Modesta origem tinha seu Pae. Aos autos de genere de Bartholomeu recorramos para lhe estabelecer a genealogia, allás all summariamente estabelecida, pois não

Jornal do Commercio 26-6-936

consequiremos por seu intermédio ir além de duas gerações.

O próprio ordenando impetrante, a 7 de Fevereiro de 1707, declarava-se filho legítimo de Francisco Lourenço e de sua mulher Maria Alvares, neto por linha paterna de Pedro Lourenço e de sua mulher Domingas Gonçalves, já defuntos, moradores no lugar de Cabanas, freguezia de São Pedro de Queimadelas, termo da villa de Guimarães, arcebispo de Braga de onde era natural Francisco Lourenço. E por linha materna, neto de Antonio Alvares, sua mulher Maria Gomes, também defuntos, moradores que haviam sido da villa de Porto de Santos, bispado do Rio de Janeiro. Era Maria Alvares, a mãe do Voador, santista e seu Pae português do termo da Feira. Quanto á sua mãe, Maria Gomes, era ella também santista, filha de um casal de christãos velhos, antigos moradores do porto paulista João Gomes Villas Boas, portuguez, e Maria Jacome, santista.

Quem porém nos vai dar preciosos informes sobre a ascendencia e parentela dos Gusmões é Pedro Taques na sua já mais assás encarecida *Nobiliarchia Paulistana*, cuja contribuição já mais vimos invocada pelos biographos dos gloriosos santistas.

Graças a elle ficamos sabendo quanto, por linha materna, tinham os dois grandes irmãos fundas e poderosas raizes em terra brasileira.

Provem esta contribuição valiosa do titulo "Affonsos Gayas".

Assim se chamavam quatro irmãos naturaes de Miragaia que, em principios do seculo XVII, foram estabelecer-se em Santos. O terceiro destes Gayas, Domingos Affonso Gaya, casou-se com Barbara Pires Pancas, filha de Gonçalo Pires Pancas, homem da maior actuação na villa de Braz Cubas, onde já em 1630, era juiz ordinario, chefe portanto do seu legislativo municipal.

Referindo este facto, numa das suas continuas digressões, dá-nos Pedro Taques uma serie de noticias sobre os ascendentes dos Gusmões.

Era Gonçalves Pires Pancas, já casado com santista, certa Maria Gonçalves, um dos trisavós da gloriosa irmandade.

A linhagem aqui estabelecida exemplifica melhor este quadro genealogico.

I

Bartholomeu Lourenço de Gusmão, santista.

I

Maria Alvares, santista, mulher de Francisco Lourenço, portuguez.

I

Maria Gomes, santista, mulher de Antonio Alvares, portuguez.

I

Maria Jacome, santista, mulher de João Gomes Villas Boas, portuguez.

I

Maria Gonçalves, santista, mulher de Gonçalo Pires Pancas, portuguez.

I

Izabel Gonçalves, santista, mulher de Alvaro Fernandes, portuguez.

Juiz ordinario em Santos no anno de 1630, como acima se disse, foi Gonçalo Pires Pancas o progenitor "da nobre familia de seu appellido na Villa de Santos", relata o linhagista paulistano.

Muito abastados em cabeceas, pertenciam-lhe "numerosas terras nos contornos da villa do Porto de Santos".

Já seu sogro fôra homem opulento. "Possuía toda a terra desde a ponte do Rio São Francisco, até além do Vallongo no rio chamado Macharico", no centro da villa de Santos, portanto.

De accordo com a piedade dos tempos, teve Gonçalo Pires Pancas grandes liberalidades para com a Igreja. Assim em 1640 realizavam elle e a mulher, Maria Gonçalves (falleceia em Santos em 1678), uma doação de terras aos franciscanos para nellas fazerem o seu convento. Depois, em 1652, querendo estes religiosos mais terras para alargar o seu cemitorio, até hoje existente, ainda as obtiveram da viuva de Pancas e demais herdeiros.

Immenso beneficiou Gonçalves aos Carmelitas de Santos, de cujo convento veio a ser prior seu filho Fr. Antonio dos Santos Pancas.

"Pelas muitas esmolas que fez alcançou o dito Gonçalo Pires Pancas, na Igreja do Convento do Carmo, jazigo para si e seus descendentes, onde jaz e fica junto ao arco da capela môr e se diz na mesma igreja uma missa cada mez por sua mesmão, e dos seus herdeiros, para o que deixou no seu testamento umas casas de sobrado."

Entre os seus netos, diversos se fizeram eclesiasticos como os padres jesuitas Paschoal Gomes, Sebastião Alves e Claudio Gomes, tios dos Gusmões, como irmãos legitimis que eram de sua mãe Maria Alvares.

Explicando a ascendencia santista de Alexandre de Gusmão, escreveu Pedro Taques: "Gonçalo Pires Pancas e sua mulher Maria Gonçalves são ascendentes de Alexandre de Gusmão, fidalgo da casa real, tão conhecido nas côrtes principaes da Europa, em serviço do Sr. D. João V, quando o mandou a Roma feito seu agente como saudosamente lembrado na de Lisboa e appetecido sempre de seus irmãos e mais parentes, moradores da villa de Santos, sua patria."

Da irmandade de Alexandre, menciona o linhagista — "o Padre Ignacio Rodrigues, o reverendo padre mestre Dr. João Alves de Gusmão e o afamado padre Dr. Bartholomeu Lourenço, por alcunha o Voador"

Era profunda, pois, o enraizamento do patriarcha da aerostação á terra do Brasil. Já a sua quarta avó nascera no litoral paulista assim como sua mãe, avó, bisavó e trisavó. O facto de sempre terem estas ascendentes desposado continuamente fallava-se a circumstancias a cada passo repetidas entre a gente rica da colonia que cegamente queria reforçar a brancura de sua estirpe, por meio de novas affusões européas.

Explica-o Frel Gaspar da Madre de Deus, allás membro que era do mais velho patriarcha paulista, como tal tanto se vangloriava: "os paulistas podiam dar em dote as suas filhas muitas terras, indios e pretos com que vissem abastados. Por isto na escolha de maridos para ellas mais attendiam aos seus genros. Ordinariamente as desposavam com seus patricios e parentes, ou com estranhos de nobreza conhecida. Em chegando da Europa ou de outras capitãnas brasileiras algum sujeito desta qualidade, certo tinha um bom casamento ainda que fosse muito pobre."

Entre os collateraes dos Gusmões que ficaram no Brasil e tiveram grande destaque, como abastados lavradores, commerciantes, ou empregados no real serviço, citam-se diversos.

A começar: seus tios avoengos Domingos Affonso Gaya e Barbara Pires Pancas, senhores do sitio do Ribeiro, na enseada da praia de S. Lourenço. Muito ricos de bens "tanto moveis como de raiz" possuía este casal "outras muitas terras", cháos e casas proprias". Serviu Domingos Gaya umas tantas vezes os cargos honrosos da republica santista.

O filho de Domingos Manoel Affonso Gaya, não menos opulento foi que seu pae. Entre outros primos dos Gusmões lembra Pedro Taques: Isabel Adorno, abastada fazendeira na ilha de Santo Amaro; Domingos Affonso Gaya, morador em S. Sebastião, "abastado em bens e escravaturas"; Gonçalo Vaz Pinto, dono de grande latifundios e capitalista; Archangela Pinto da Rocha, mulher de Miguel Gonçalves Martins. "Juiz ordinario muitas vezes e nobre republicano, bem afazendado na sua fazenda de Panamehuma, com muita escravatura"; Francisca Pinto da Rocha, irmã de Archangela, mulher do cirurgião francez René Le Roux, "cirurgião approvado, que se tratou bem na villa de Santos, onde possuía casa e fazendas, que são tres e mais terras".

Uma tia avoenga dos Gusmões Angela de Gala "mulher de Manuel da Motta (dos Motta de S. Vicente, gente muito nobre e distinta e dizem que forada)", viveu rica em S. Sebastião onde o marido "era dos primeiros em tudo com respeito, cabeceas, fazendas, postos e cargos da republica".

Desta Angela de Gala ficou descendencia prospera. Nesta se destacam, por exemplo, Manoel Moreira, mulher do Sargento môr Manuel Gomes Mazagão, "o homem de maior respeito de S. Sebastião, a que governou, muito rico, com fazendas, escravatura, etc."; Sebastião, João, Antonio da Motta e outros republicos de destaque.

De Maria Gonçalves, outra tia dos Gusmões, mulher de Antonio de S. Tãos, portuguez "nomem do grande estimação e respeito, abundante de cabeceas e senhor do sitio da Enseada da praia da Bartoga, procediam outros primos dos Gusmões, de cuja situação social podiam envaidecer-se como se dava com João Thomé Adorno de S. Paço, o rico senhor do sitio das Cannaveleiras, na Bertoga, "dono de muita escravatura, terras e casas de sobrado".

Domingos Miguel de S. Paço não menos abastado que o seu primogenito, Domingos de S. Paço, mulher de Manoel Gonçalves Lessa "homem de muita estimação bem afazendado e de respeito etc."

Ainda citemos mais uma tia avó dos Gusmões: Isabel Pires, mulher do rico portuguez João Alves.

Destes diversos parentes tiveram os illustres santistas innumerados primos, enormes como costumavam ser as familias colonias.

E a enumeração que de suas progenies faz o linhagista paulistano mostra quanto Bartholomeu Lourenço, se nascera de casal pobre, podia, sem o menor receio, aguardar os resultados do rigoroso inquerito de purgato *ranguinis*, pelo menos quanto á parte referente á sua ascendencia paulista.

Parentesco sobremaneira illustre dos Gusmões foi que revelou um dos biographos de Bartholomeu Lourenço, o Conego Francisco Freire de Carvalho. Quando preparava a sua excellente *Memoria que tem por objecto reivindicar para a nação portugueza a gloria da invenção das machinas aeronauticas*, coube-lhe o ensejo de consultar a José Bonifacio de Andrada e Silva sobre a biographia do Voador.

Teve até a attenção de lhe enviar, em 1833 o original do seu trabalho, prompto para a Imprensa. Foi este ter, algum tempo mais tarde, ao archivo do Instituto Historico Brasileiro. Augmentou porém o Conego Freire de Carvalho o seu manuscrito que leu á Academia Real das Sciencias de Lisboa, a 20 de Maio de 1840, e fez imprimir na capital portugueza em 1843.

Reproduziu-o o Instituto no tomo XII de sua *Revista*.

Da consulta por seu autor feita ao patriarcha de nossa Independencia resultou a divulgação de um documento sobremodo valioso para a historia dos Gusmões, transcripto de uma copia do proprio punho de José Bonifacio, segundo original inedito do beneficiado Francisco Leitão Ferreira. Delle opportunamente fallaremos.

Ao communicar tal papel ao Conego Carvalho, escrevia José Bonifacio, a 7 de Fevereiro de 1818: "Folgo muito que V. trabalhe em reivindicar para o Padre Bartholomeu Lourenço a invenção dos aerostatos, o que me é muito agradavel, por ter sido este grande homem, assim como seu irmão Alexandre de Gusmão, da minha patria e meu parente ainda".

"E' verdade que na minha familia, e no meu paiz, o Padre Bartholomeu Lourenço foi sempre conhecido com o titulo de *Voador*, e que toda esta familia foi dotada de tantos talentos que na minha tenra mocidade ainda me lembro ter conhecido uma sobrinha delle que sabia perfeitamente a lingua latina e passava por senhora muito instruida e discreta".

Qual seria o grau de parentesco entre os Gusmões e o Patriarcha é o que não posso explicar por falta de elementos genealogicos. Como os Andradas não procedem de velhos troncos paulistas, Martim-Affonsinos, de sua progenie não trataram os genealogistas de S. Paulo.

O fundador da familia Andrada, em terras de S. Paulo, foi em principios do seculo XVIII o Coronel José Ribeiro de Andrada, avô do Patriarcha. e casado com a santista D. Anna da Silva Borges, já filha da santista Luísa dos Reis.

De José Ribeiro de Andrada e D. Anna da Silva Borges, nasceu o Coronel Bonifacio José de Andrada, pae do Patriarcha, casado com D. Maria Barbosa da Silva, também santista, filha de Gonçalo Fernandes Souto, portuguez e D. Rosa de Viterbo, santista.

Por sua mãe ou por sua avó paterna devia José Bonifacio de Andrada e Silva alliar-se aos illustres conterraneos de cujo parentesco se orgulhava.

Está por se divulgar a genealogia dos Andradas; o que publicado existe a tal respeito é muito deficiente e veta, aliás, apenas sobre os descendentes da

*"Trindade eterna de heroismo e gloria
Cujas estatuas cada vez mais bellas
Fulgem no templo da brasileira historia"*

do verso altisonante de Fagundes Varella:

Palavras de Pedro Taques confirmam a versão de José Bonifacio acima citada ao declarar que Bartholomeu Lourenço em seu paiz fôra "sempre conhecido com o titulo de Voador".

Refere-se, com já se disse a *Nobiliarchia Paulistana* ao "afamado Padre Dr. Bartholomeu Lourenço, por alcunha o Voador". (Cf. Rev. Inst. Bras. 34, I, 93).

Affonso de E. Taunay.

C. da Veiga Lima e o romance sem historia...

O argumento de C. da Veiga Lima, com seu novo livro, dá em favor do romance é dos mais animadores, embora, apesar de se repetir esteja em crise, cresça cada dia o prestigio do genero literario que está sendo o mais communicativo vehiculo das idéas e credos de nossa era.

Veneno Interior é o romance sem historia propriamente e que prende e faz pensar, dentro de um problema de todos — a constancia da felicidade no amor, com o tragico maior do sentimento em luta com a razão. C. da Veiga Lima realiza o romance de um só personagem apenas collocado na atmosfera de duas outras figuras de simples influencia reflexa, pois participam por vocação e vêm apparecer no fim, sem se communicarem, os tres, senão pela repercussão dos actos anteriores e de um quadro de epilogo, visto á distancia. Romance que se passa depois do romance — depois do episodio que se subentende, aliás sobre allusões da narrativa, para a necessidade de entredo, que todos sentimos. Romance erguido no resto de comlusão que ficou da fogueira, nas brazas cobertas de cinza. Fumo que sobe enovelando-se e toma as côres e os ares do tempo ou seja a irradiação do escriptor reunindo ao homem sósnio mordido de paixão, no conflicto interior, a experiencia da cultura e da observação humana.

Por circumstancia, *Veneno interior* associa o romance — ensaio ao romance-poema, tramados da philosophia, poeticamente, — romance, ensaio, poema, philosophia, em systematização que comporta versos de Schelley, citados no original e a seguir traduzidos; e quando é mais proprio do romance concluir pelo sentido profundo do episodio que pelo concurso, de ordinario gratuito, da reflexão expressa, C. da Veiga Lima rompe com os preceitos technicos usuaes, de modo violento, pondo nu' as intenções do observador que vive com as idéas, no deslumbramento de quem passeiasse amorosamente entre estrelas. Eu queria ver, exercicio que fosse, uma narrativa desse pensador partidario do romance, onde as acquisições e predilecções do estudo viessem veladas no claro-escuro da ficção, em vez da revelação ostensiva dos conceitos, bellos mas em constancia que por vezes se sobrepõe e obscurece o romance. Não deixa de ser, todavia, uma originalidade de C. da Veiga Lima a sua porta aberta sobre o que, em muitos, se offerece como problema e mundo a descobrir; nem será licito exigir que todas as arbores tenham a verticalidade e a regularidade das palmeiras.

Certo Claudio, que leu e meditou seu Bergson, depois dos livros antigos e antes das obras modernissimas, amou a Maria-Eleonora, que encarna a belleza, na mulher-provocadora e fugitiva de 1930. O amor de tal homem por semelhante mulher tinha de vir ter ao ciume — purgatorio da illusão amorosa, mais tremendo quando o que sofre não é só o desejo em desespero, porém a humilhação de uma insuficiencia que se mortifica na analyse de si mesma, enquanto o ser sublimado pelo sonho negacea sorrindo pelo ephemero de outras tentações. Está no portico do romance: E' no intimo do homem que se passa o drama do amor; a mulher, nessa paixão, sómente representa o objecto de um ajuste de contas interiores". A razão manda libertar-se; mas a segunda sombra, que tambem vae ter ciumes de Maria-Eleonora, já dissera que ella allucinou a razão de Claudio. Debalde o possuido reage: se cuida que se defende do phantasma, debate-se consigo mesmo, no conflicto de fortuna incerta.

O romancista pretende que quando a alma tem coragem resiste á volupia. A volupia, talvez: S. Francisco flagella-se e vence o demônio; porém, no amor que desce até ao ciume, que não tem para serenar senão o tempo, na therapeutica da adaptação e da resignação, unguida de philosophia, que vale a vontade therica? Maurice Bearing encontrou um paiz onde se morre de amor. Se no coração tudo é possível, em que memoria sem conforto irão ter os juizes lyricos de Claudio que o romance largou nas trevas, á borda de uma realidade affrontosa para o homem luctuoso, mas sensível?

A vida, no romance, corre em desvario, e ainda a razão conselheira age delirantemente. (Os raciocínios de Claudio, floridos de citações por sobre os tropeços da alma fraca tornam-se a mania da cultura philosophica, que sobrou na paixão). Despercebido, o amoroso precipita-se no desatinado aonde é fatal que conduzam as lindas creaturas, "impudicas ou innocentes, que da vida só conhecem os impulsos e as sensações". Outra que assas não é Maria-Eleonora bella e futil. Depois de amal-a, ao sabio, não lhe resta mais que tristeza e miseria. Claudio vae encenar com a imaginação as horas vãs.

O exercicio do coração metamorphoseou o sentimento do amor através dos tempos. A Grecia e Roma conheceram o amor-desejo. No amoroso de C. da Veiga Lima, o amor-desejo subsiste por certo; porém o espirito soffre na inquietude do amor-amor, que Eva prometeu e nega. *Veneno interior* consagra o romance dessa exasperação, no homem, que reproduz a lenda de Narciso "cantando o seu sonho pessoal e amando o seu próprio ser". Pergunta C. da Veiga Lima se não seria um narcisismo a fórmula suprema do amor. Nem ha já remedio para o desvario, pelo menos no volume que é dado como o primeiro de dois episodios; o segundo ainda em prelo. Mas o romancista já fez as affirmações de uma sciencia da alma que a paixão envenenou. Claudio protesta que Maria-Eleonora não lhe allucinara a razão. Está no gabinete do ou-